

Cidade em quadrinhos: coprodução social e tecnológica na obra *Desterro*, de Ferréz e Demaio

Soraya Sugayama (UFPR)*
ORCID 0000-0003-3394-0077
Gilson Leandro Queluz (UTFPR)**
ORCID 0000-0002-0728-1218
Marilda Lopes Pinheiro Queluz (UTFPR)**
ORCID 0000-0003-1281-2260

Resumo: Neste artigo, analisaremos a HQ *Desterro* (FERRÉZ; DEMAIO, 2012). Em razão da importância política e do peso contracultural que a obra porta, propomos refletir sobre as relações entre tecnologia e sociedade conectadas às representações da cidade desenhadas nos quadrinhos. A concepção do materialismo cultural de Raymond Williams orienta nossas reflexões. Primeiro, apresentaremos o objeto livro como uma co-produção social e tecnológica que se acrescenta às condições práticas da escrita. Na segunda parte, colocamos em evidência os sentimentos e as reflexões que os quadrinhos evocam no diálogo com o contexto urbano de uma metrópole. Ao longo de nossas reflexões, a produção literária de *Desterro* adquire dimensões de resistência a culturas hegemônicas que, como sabemos, excluem uma gama extraordinária de práticas sociais.

Palavras-chave: *Desterro*; produção material; co-produção social e tecnológica

Abstract: In this article we will analyze the comics *Desterro* (FERRÉZ; DEMAIO, 2012). Due to the political importance and the countercultural weight that the work has, we propose to reflect on the relations between technology and society connected to the representations of the city presented in the comics. The theory of cultural materialism of Raymond Williams guides our reflections. First, we present the book object as a social and technological co-production encompassing the conditions of its writing practices. Then, we highlight feelings and reflections that comic books evoke in the dialogue with the urban context of a metropolis. Throughout our reflections, *Desterro*'s literary production gains dimensions of resistance to hegemonic cultures that, as we know, neglect and exclude an extraordinary range of social practices.

Keywords: *Desterro*; material production; social and technological co-production

Resumen: En este artículo analizaremos el cómic *Desterro* (FERRÉZ; DEMAIO, 2012). Debido a la importancia política y al peso contracultural que tiene la obra, proponemos reflexionar sobre las relaciones entre tecnología y sociedad conectadas con las representaciones de la ciudad dibujadas en las viñetas. La concepción del materialismo cultural de Raymond Williams guía nuestras reflexiones. Primeramente, plantaremos el objeto libro como una coproducción social y tecnológica que se añade a las condiciones de la práctica de la escritura. En la segunda parte, evidenciamos los sentimientos y reflexiones que los cómics evocan en el diálogo con el contexto urbano de una metrópoli. A lo largo de nuestras reflexiones, la producción literaria de *Desterro* adquiere dimensiones de resistencia a las culturas hegemónicas que, sabemos, descuidan y excluyen un abanico extraordinario de prácticas sociales.

Palabras-clave: *Desterro*; Producción Material; Coproducción Social y Tecnológica

Recebido em: 20 set. 2019

| Aprovado em: 15 mar. 2020

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: sorayasugayama@yahoo.com.br.

** Doutor em Comunicação e Semiótica e professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: gqueluz@gmail.com.

*** Doutora em Comunicação e Semiótica e Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: pqueluz@gmail.com.

Introdução

No presente artigo faremos uma breve leitura da História em Quadrinhos (HQ) *Desterro*¹, de Ferréz e Demaio, publicada em 2012 pela Anadarco Editora.

Reginaldo Ferreira da Silva (1975), mais conhecido pelo seu nome de guerra, Ferréz - uma composição dos nomes Virgulino Ferreira (Lampião) e Zumbi dos Palmares - nasceu em Valo Velho, bairro do distrito Capão Redondo, na zona sul, periferia da grande São Paulo, onde atua culturalmente até hoje. Ligado ao movimento *Hip Hop*, é autor de letras de *rap*, mas preferiu se dedicar ao universo literário, mais especificamente à chamada Literatura Marginal. O escritor é autor de livros de poesias, infanto-juvenis, romances, crônicas e HQs. Criou o selo Literatura Marginal e a Editora Selo Povo, que publicam escritores periféricos. Fundou a ONG Interferência, localizada no bairro Capão Redondo, que é voltada à educação infantil e, além disso, tem a própria marca de roupas e acessórios, a 1DASUL, cuja matriz está localizada no mesmo bairro. Recentemente Ferréz fundou a Editora Comix Zone², cujo foco são os quadrinhos: “A Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo” (FERRÉZ, 2005, p.12).

Alexandre De Maio (1978) faz jornalismo³ em quadrinhos e, assim como Ferréz, teve sua carreira influenciada pela cultura Hip Hop. Nasceu em São Paulo, foi editor da revista *Rap Brasil*, que unia matérias tradicionais e histórias em quadrinhos sobre as periferias e a cultura de rua. Em 2006 lançou sua primeira história em quadrinhos pela Editora Pixel, já com a parceria de Ferréz, *Os inimigos não mandam flores*. Em 2016 ilustrou o livro *Génération Favela* para editora francesa Ateliers Henry Dougier. Em 2018 lançou seu primeiro livro solo de jornalismo em quadrinhos, intitulado *Raul*, pela editora Elefante.

Considerando a importância política e o peso contracultural que *Desterro* apresenta, nosso objetivo é refletir sobre as relações entre tecnologia e sociedade tramadas nas representações da cidade presentes nos quadrinhos. Temos como agente norteador o materialismo cultural de Raymond Williams, que foi estudado pela possibilidade de pensarmos o objeto livro como coprodução social e tecnológica, de modo a abarcar as condições da prática de escrita dos autores e demais desdobramentos. A ideia de racionalização subversiva, proposta por Andrew Feenberg (2013), interessa-nos para pensarmos, ao longo do texto, sobre a alteração da ordem estabelecida e sobre práticas sociais cuja modificação de códigos técnicos (que não são estruturas fixas) podem vir a contemplar grupos socialmente excluídos.

A análise está dividida em duas partes. Na primeira, procuramos apresentar, brevemente, o objeto livro como coprodução social e tecnológica; na segunda, a proposta é analisar sentimentos e reflexões que o livro *Desterro* evoca, em diálogo com o contexto urbano de uma metrópole.

A força política desse livro está ligada ao fato de ter sido a obra que marcou o lançamento do Selo Contraculturais, que pretende se caracterizar pela produção e visibilização do trabalho de artistas ativistas das periferias urbanas - localidades que têm intensa atividade cultural e sustentam parte relevante do nosso desenvolvimento intelectual

¹ No final de 2015, *Desterro* foi lançada na França com o título *Favela Chaos*, pela Editora Anacaona.

² A partir da Selo Povo, Ferréz se aliou ao Thiago Ferreira do canal do Youtube *Comix Zone* e juntos fundaram a Editora Comix Zone. Algumas fases da produção serão feitas por Thiago no Canadá e os trabalhos de gráfica, algumas correções, serão feitas via Selo Povo. Na verdade, a Editora Comix Zone está funcionando como um selo da Editora Selo Povo. O primeiro trabalho já foi lançado, *A canção de Roland* (2019), do autor canadense Michel Rabagliati.

³ Demaio já desenvolveu seu trabalho de jornalismo em quadrinhos para os jornais *Estadão*, *Folha*, *Catraca Livre*, *Revista Veja*, *Fórum*, e especialmente para a Agência Pública onde ganhou o Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo, em 2013, pela reportagem “Meninas em jogo” sobre exploração sexual infantil.

e artístico (WILLIAMS, 2011b, p. 206).

Nessa perspectiva, buscamos problematizar a ideia de cultura comum, não no sentido de disseminar em larga escala o que um grupo excluído pensa, mas de criar condições de articulação de outros sentimentos, significados e valores, de modo que não apenas poucos comuniquem a muitos, mas muitos possam comunicar (WILLIAMS, 2015, p. 54-55), os mesmos que, silenciados em alguns cantos, em outros, ecoam. No texto, a arte periférica mostra suas dimensões de resistência perante a cultura hegemônica que negligencia e exclui uma gama extraordinária de práticas sociais.

O objeto livro como coprodução social e tecnológica

Partimos do entendimento de que um livro, como materialidade, possui certas condições técnicas, de produção e sociais, que desenham determinada (e não determinante) tecnologia:

A tecnologia é uma das maiores fontes de poder nas sociedades modernas. [...] a democracia política é inteiramente obscurecida pelo enorme poder exercido pelos *senhores dos sistemas técnicos*: líderes de corporações, militares e associações profissionais de grupos como médicos e engenheiros. Eles possuem muito mais controle sobre [...] nossa experiência como empregados, pacientes e consumidores do que o conjunto de todas as instituições governamentais da sociedade (FEENBERG, 2013, p.69 – grifo nosso).

Podemos dizer que a produção literária, ao longo da história, dialoga com processos técnicos hegemônicos, com instituições sociais controladoras, mas não necessariamente é seu reflexo. Diga-se de passagem, a literatura é, historicamente, um campo político fértil de produção do imaginário crítico de contrafluxo.

Feenberg (2013) propõe um modo alternativo de racionalizar a sociedade, rejeitando a ideia de que somos objetos da técnica, mas que somos, como sociedade, influenciadores dos processos tecnológicos e, no papel de instituições sociais, não precisamos nos adaptar aos imperativos das bases tecnológicas; ao contrário, o autor nos encoraja a subvertê-las.

Ferréz, a nosso ver, está próximo ao campo de subversão de arranjos e códigos técnicos, pois incursiona-se num contexto não explorado a fundo pelas fontes de poder das sociedades modernas. O lugar do qual fala Ferréz e a HQ *Desterro* não permitem que reduzamos tecnologia ao senso comum e sugerem que a democracia não pode ser entendida como atribuição restrita do Estado, pois é tecnicamente mediada pelos acontecimentos e ações materialmente cravados na vida social (FEENBERG, 2013).

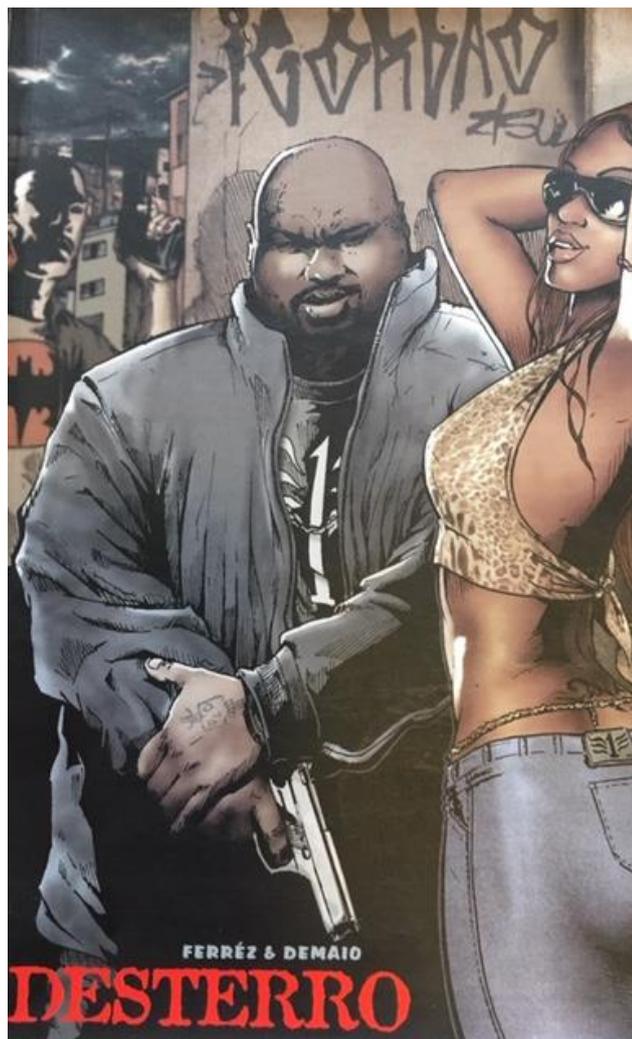


Figura 1. Capa da HQ *Desterro*. Fotografia de Soraya Sugayama. Fonte: acervo particular.

A HQ foi publicada pela Editora Anadarco, que arcou com impressão e lançamento, e pelo Selo Contraculturas, que fez a seleção da obra e trabalhou na edição. A logo do Selo Literatura Marginal está presente no início e no final do livro, com certo destaque.



Figura 2. Selo Literatura Marginal. Fotografia de Soraya Sugayama. Fonte: acervo particular.

Perguntamos a Demaio qual a relação deste selo (Figura 2) com a HQ: “Total, o *Desterro* é filho do movimento da Literatura Marginal e quisemos deixar isso evidente” (DEMAIO, 2016). Para Ferréz, o trabalho com o selo Literatura Marginal:

[...] é um trabalho de militância pela cultura, mas, principalmente, para

que o novo surja. Somos críticos e editamos o livro com muita cobrança [...]. A periferia é muito mais cobrada, então temos que prestar atenção nisso. Temos, como toda editora pequena, problemas na distribuição, mas a gente supera isso fazendo o caminho inverso, transformando cada leitor e escritor num multiplicador (FERRÉZ, 2016, p.8).

Pelas falas de Demaio e Ferréz, percebemos que o selo Literatura Marginal significa, na verdade, um movimento social de resistência da cultura da periferia, com relação à tutela comercial, por isso, a imagem deste selo precisa ficar evidente na obra, como um carimbo, estabelecendo um território cultural. Williams (1979, p. 102) ensina que “a cultura é uma mediação da sociedade”, no sentido de que “está em si”. O autor nos encoraja a repensar a ideia de mediação como constitutiva do objeto. Não é a mediação um devir, um “entre” (WILLIAMS, 1979, p. 103). Podemos entender, portanto, que a cultura é constitutiva da periferia, que constitui a sociedade, além de ser por esta constituída. A feitura de significados, valores sociais e culturais se dá de modo transversal, híbrido.

Desterro reflete um modo de produção social (como se pensa na tradição marxista) e tecnológico, mas também constitui representações de mundo, sendo meio de comunicação e meio de produção e fazendo parte de um movimento social amplo, com intenções sociais, que correspondem aos anseios de um grupo socialmente marginalizado.

Para percebermos esse movimento social amplo é necessário, como diz Williams, “romper com a ideia difundida de isolamento do objeto para, então, descobrirmos seus componentes; temos de descobrir a natureza de uma prática e, então, suas condições” (WILLIAMS, 2011a, p. 66). Nesse sentido, desenvolvemos nossas reflexões para o presente artigo.

A HQ é ambientada no Capão Redondo, periferia da cidade de São Paulo, território onde Ferréz nasceu e morou por muitos anos. Neste bairro, como vimos, está localizada a loja matriz da 1DASUL e a ONG Interferência. O escritor tem, portanto, grande intimidade com a localidade, devido à sua forte interação com a comunidade, que se dá conforme nos contou em entrevista:

Bom, eu tô respondendo esse questionário daqui da loja de roupas no centro do Capão Redondo. Paro um pouco, vou atender um cliente, depois volto a responder, bom, essa é minha vida. Saio daqui, vou pra padaria, tomo um café e vou pra casa, no caminho sempre tem alguém encostando e perguntando se tenho dicas sobre redação, pois o cara vai prestar concurso. Outra encosta e diz se pode caminhar comigo porque tá com uma puta neurose em casa, aí um menino diz que apanhou do pai em casa, eu digo que a gente mora perto do lixo, mas não faz parte dele, que tudo é uma fase e assim a gente vai vivendo (FERRÉZ, 2016, p.9).

Podemos dizer que Ferréz é um trabalhador que produz a si mesmo e a sua história mediados pela literatura, num processo dinâmico, que envolve o local onde vive, suas práticas e relações sociais. Consideramos que é um agente transformador em sua comunidade, exercendo pressão, como resistência às intenções sociais hegemonicamente postas. Entendemos o que o autor faz como a realização de sua experiência social contra-hegemônica, emergente. Concordamos com a explicação do termo “emergente”, por Williams, no sentido de que: “[...] novos significados e valores, novas práticas, novos sentidos e experiências estão sendo continuamente criados” (WILLIAMS, 2011a, p. 57).

Sobre os desenhos da HQ temos a dizer que é de um realismo cinematográfico. Ao perguntarmos de onde vem seu estilo de traço, Demaio deixa claro que sua produção tem influência de outros quadrinistas, misturada aos seus desejos de busca pelo “traço local”. Sinaliza, também, que o prazo determina a conclusão e o resultado final da obra (DEMAIO, 2016). Quando perguntamos o que aconteceu durante o trabalho com o livro,

aquilo que não se apresenta aos leitores, Demaio conta:

[...] o processo de cada página foi de uma troca profunda entre autor e desenhista, Ferréz descrevia brevemente as cenas, às vezes com algumas falas, outras não, e eu desenhava as páginas, devolvia para o Ferréz, e ele inspirado nos desenhos criava novos textos (DEMAIO, 2016).

Podemos notar quadros não uniformes, com vários formatos e tamanhos, as imagens são compostas por planos gerais, que abrangem uma paisagem mais ampla e planos específicos, com cenas ricas em detalhes próximos ao corpo do (a) personagem.

Os personagens são, essencialmente, adultos, homens de negócios, traficantes e policiais. As feições são tensas. Demaio e Ferréz mostram, brevemente, cenas com alguns dos personagens (bandidos adultos) durante a infância, como se justificassem a linha tênue que divide qualquer homem do “bom” e do “mau” caminho. As personagens mulheres são retratadas, desde a capa da HQ, como mulheres a serviço sexual dos homens, elas não protagonizam ações relevantes na trama, apenas estão ali, objetificadas.

É comum na obra de Ferréz as mulheres aparecerem de tal modo, objetificadas, seja como trabalhadora do lar ou do sexo – o que é escrito, a nosso ver, como forma de levantar questionamentos para o leitor. Ocorre que os problemas sociais com relação às mulheres são dessa forma apresentados, mas não são formulados e articulados à luz de questões críticas de gênero e de (re)produção da ordem social.

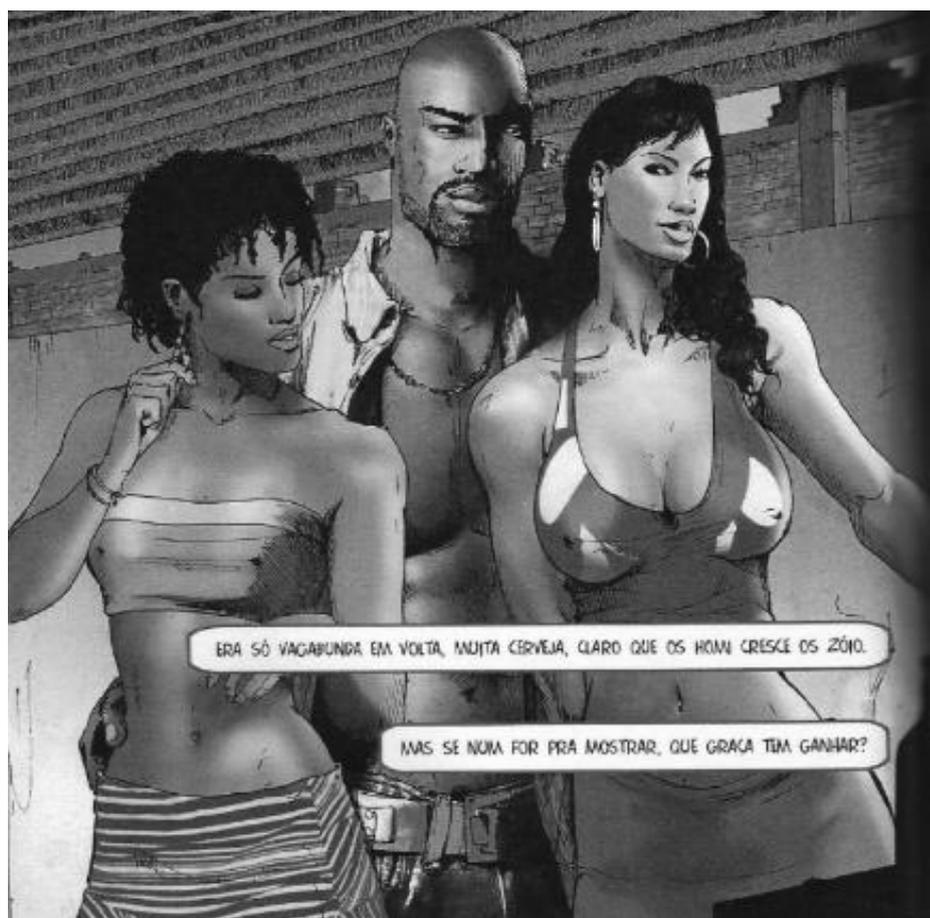


Figura 3. Recorte de página da HQ *Desterro* escaneada, para a leitura de como as mulheres são representadas no livro. Texto: Ferréz. Desenho: Demaio. 2012, livro não paginado.

A trama da HQ envolve a precariedade material da favela, o crime organizado, a

polícia corrupta e o modo como os fatos são noticiadas para a população – é possível relacionar a ficção a um conjunto de significados e valores vividos por nossa sociedade. Para além disso, podemos perceber as “estruturas de sentimento” que envolvem o objeto livro:

O termo é difícil, mas “sentimento” é escolhido para ressaltar uma distinção dos conceitos mais formais de “visão de mundo” ou “ideologia”. [...] estamos interessados em significados e valores tal como são vividos e sentidos ativamente [...] (WILLIAMS, 1979, p.134, grifos do autor).

De todo modo, os valores sentidos que podemos perceber como contidos na HQ não são abstratos sem base material, nem mera opinião dos autores; envolvem experiências, expectativas e a compreensão de mundo intimamente ligada a essas realizações contra-hegemônicas. O objeto livro está inserido em práticas que efetivamente aparecem e em outras que foram alienadas, todas essas, com sua natureza e condições.

No final da HQ, os autores apresentam o “môio extra”, em que o escritor conta como conheceu o desenhista:

Faz muitos anos, muitos mesmo, eu ia de quebrada em quebrada levar meu rap, às vezes cantava em palcos gigantes construídos pelos moradores, às vezes o show era em mesas de sinuca. [...] Numa dessas andanças, parei na redação duma revista de rap, a Rap Brasil (Ed. Escala/1999-2009).

Foi na redação que vi uma mesa com desenhos chapados, olhei e fiquei pasmo, perguntei de quem era, e o Alexandre De Maio disse que era um hobby dele; [...] Fiquei fã na hora. Qual é a chance de ter dois caras que amam o rap, o desenho, os gibis e ainda têm postura ideológica a ponto de querer mudar o mundo? Pois é, a gente tinha que se unir em torno de alguma coisa (FERRÉZ, 2012 – não paginado).

Adiante, no môio extra, os artistas apresentam anotações, trechos do *story board*,⁴ além de desenhos que não entraram na HQ. Uma generosidade com o leitor(a), que pode imaginar como a história foi pensada e construída. Quais produções materiais têm em si a preocupação de revelar ao menos parte de seu processo tecnológico?

⁴ Croquis organizados em sequência que indicam como a cena está sendo pensada, a disposição dos personagens nos quadros, já com a ideia de cenário de cada quadro.

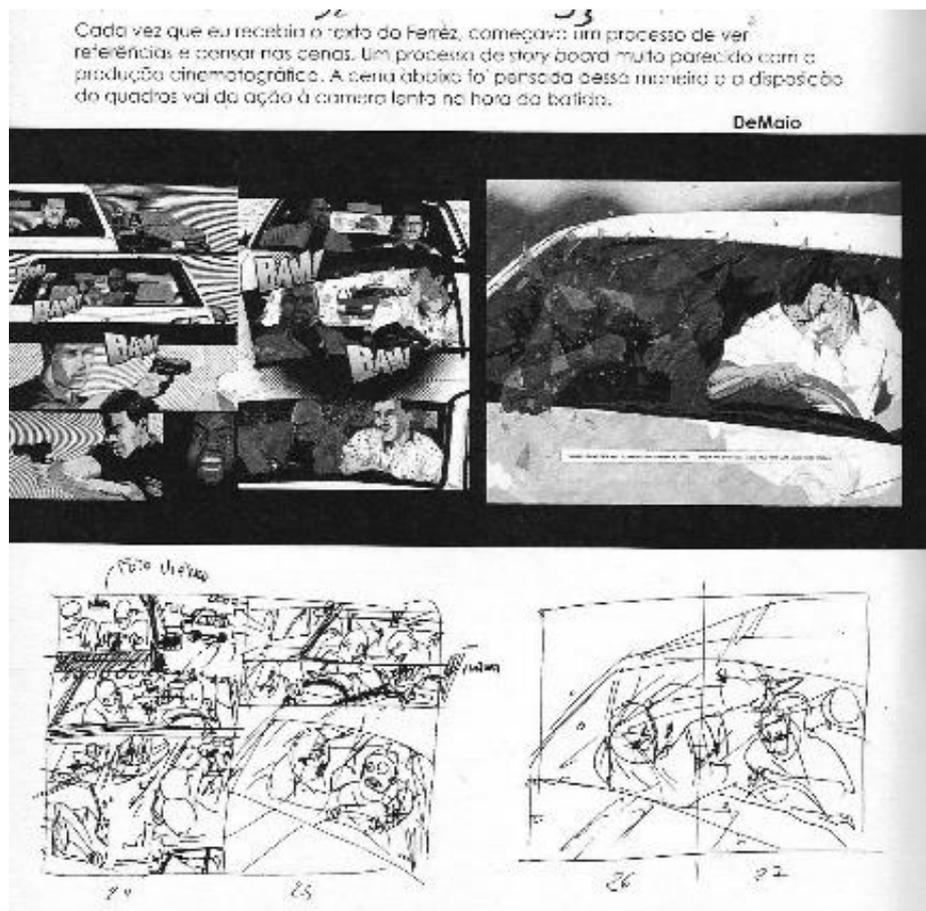


Figura 4. Corte de página da HQ *Desterro* escaneada, para ilustrar o “môio extra”. Texto: Ferréz. Desenho: Demaio. 2012, livro não paginado.

O livro termina com um texto sobre a violência em São Paulo. Informações como taxas de assassinatos de crianças e adolescentes; o Brasil como o quarto país, entre os 99 mais violentos do mundo; a região do Capão Redondo como concentrando um em cada dez assassinatos da grande São Paulo; a informação de que uma em cada cinco mortes intencionais é de responsabilidade da polícia; essas e outras informações são comentadas pelo autor, que termina o texto de uma das últimas páginas do livro com a seguinte frase: “Infelizmente, não precisamos inventar uma cidade violenta para fazer quadrinho” (FERRÉZ, 2012 – não paginado). Esta frase e a própria HQ com seus textos, desenhos e processo de produção permitem reconhecer um universo de práticas relacionadas, que envolve coprodução social, cultural e tecnológica. A partir disso, o objeto livro pode ser compreendido num modo coletivo, que tem a ver com a realidade de sua prática, e com as suas condições de realização (WILLIAMS, 2011a, p. 66-67).

***Desterro* em diálogo com o contexto urbano de uma metrópole**

Em *Desterro*, podemos perceber que as relações humanas, na favela, são intensificadas. Entre residências, por exemplo, não há a devida vedação nem isolamento acústico. As crianças vivem nas ruas junto aos trabalhadores do tráfico e aos trabalhadores ociosos devido ao desemprego que impera na vida das pessoas sem a qualificação profissional exigida pelo - cada vez mais acirrado - mercado de trabalho.

Não existem largas avenidas, a circulação se dá corpo a corpo, todos muito próximos. Corpos, casas e coisas invadem uns aos outros. Diz Ferréz na HQ: “A favela de fora é um amontoado de caos, de dentro, calor humano preenche tudo” (FERRÉZ, 2012 –

não paginado).

Na leitura da Figura 5 podemos ver uma imagem comum para as pessoas moradoras das grandes cidades, quando passam pelas avenidas que margeiam as comunidades que são caracterizadas, socialmente, como favelas.

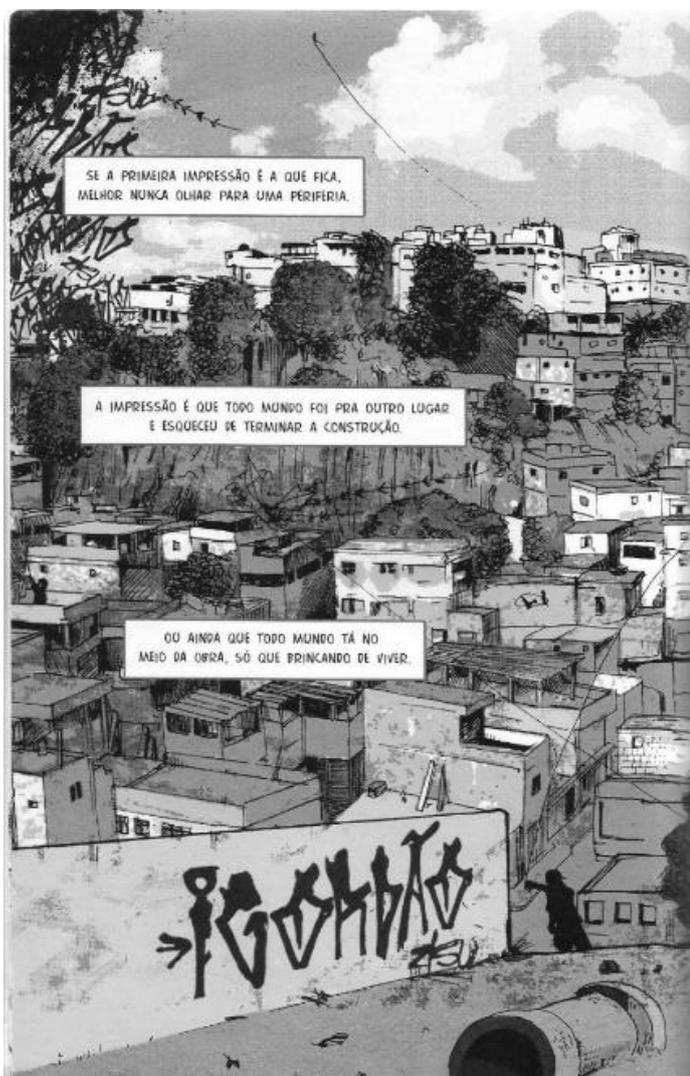


Figura 5. Página da HQ *Desterro* escaneada para ilustrar uma vista da favela. Texto: Ferréz. Desenho: Demaio. 2012, livro não paginado.

A vista é como essa, com essa configuração de organização, esse aspecto. A distância entre uma moradia e outra, por vezes, inexistente, não é comum avistarmos passagens laterais entre as casas, tampouco jardins; a feição das moradias é de inacabamento, se comparadas às edificações dos bairros nobres das metrópoles. É recorrente que a janela de uma moradia dê para a laje da moradia vizinha (quando existe laje). As lajes nas favelas – além de um desejo de consumo – são constantemente habitadas para práticas de sociabilização, como soltar pipas, para o ócio, ou, simplesmente, para colocar a roupa do varal – cenas que podemos observar na HQ *Desterro*. Ocorrem, também, situações em que as lajes inexistem e a cobertura das casas é feita com outros materiais: ripas e plásticos, telhas reaproveitadas do descarte. As materialidades da favela, como as de qualquer localidade, colaboram para que algumas práticas se efetivem e para o desenho de relações sociais e estéticas, que compõem realidades e imaginários. Interessante observarmos as intervenções textuais da pichação, marcando a presença de outros grupos que tentam ressignificar o cotidiano, apresentando outros modos de estar no mundo, tomando para si muros e paredes.

Podemos ver no livro que as ruas da periferia ainda funcionam como lugar para estar, o que não é tão comum nos bairros próximos ao centro das cidades, onde os cidadãos estão cada vez mais reclusos em prédios equipados com academia, piscinas, áreas de recreação e com comércio essencial alocados, com frequência, no mesmo conjunto de edifícios onde moram. Para além de uma relação de conforto, isso indica que as ruas das cidades são perigosas. Podemos pensar que o estilo de vida recluso também caracteriza sociedades modernas, onde as pessoas buscam sua própria individualização (e de sua família) de modo sistemático.

Pelas vielas e lajes ilustradas na HQ, crianças brincam e se defendem da hostilidade presente em situações de opressão. Num evento, parte ilustrado pela Figura 6, Igordão, bandido e personagem principal do livro, aparece quando criança, já com perfil de liderança alicerçada na agressividade para com seus colegas. Estes abaixam a cabeça para Igordão, o que corresponde à relação de poder construída e, em seguida, elegem um mais fraco para também oprimir.



Figura 6. Página da HQ *Desterro* escaneada para ilustrar a relação das crianças com a rua. Texto: Ferréz. Desenho: Demaio. 2012 – sem número de páginas.

Em *Desterro*, nessas mesmas vielas onde as crianças brincam, os assassinatos e a guerra entre a polícia e o crime organizado apresentam-se como fratura exposta aos olhos (e aos cuidados) da comunidade, reforçando a ideia de relações humanas intensificadas. Os autores dão a entender que o medo e a morte rondam comunidades periféricas.

O livro mostra que a relação dos moradores da periferia com a polícia é marcante desde a infância. Num determinado evento, três amigos resolvem “dar um rolê” pelo centro de um bairro periférico. A periferia também tem o seu centro, que é assim considerado, pelo comércio abundante e pela grande circulação de pessoas. Durante o passeio, ficam observando com curiosidade, pela janela que dá para rua, uma academia. Resolvem entrar, a recepcionista permite que eles deem uma olhada no espaço e pede para eles saírem em seguida. Ocorre que os três meninos ficam, por trás de um vidro, flertando com uma piscina cheia de gente e desejosos da experiência. Num ímpeto, invadem o local e pulam na água. A cena seguinte (Figura 7) mostra um dos meninos, de apelido Xela, chegando em casa com a polícia e o quadro seguinte mostra o punho fechado do pai, frente ao corpo indefeso da criança, indicando que a recepção do menino não foi boa na

academia e será ainda pior no próprio lar.

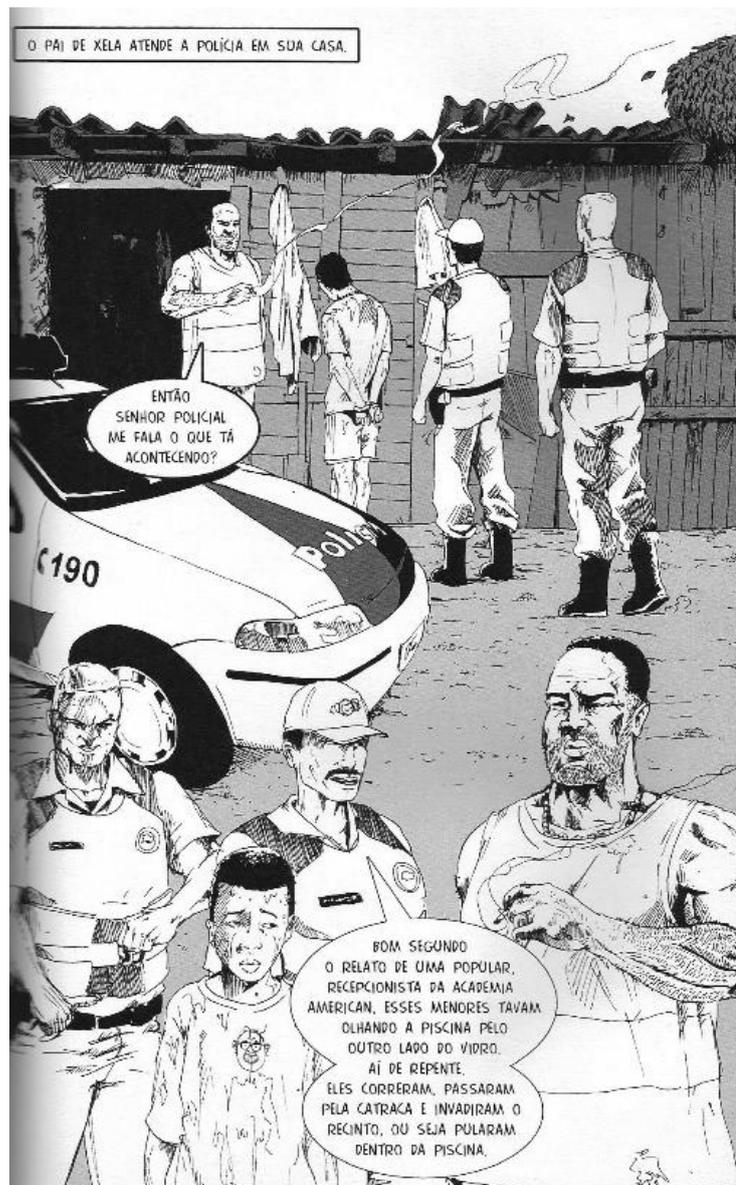


Figura 7. Página da HQ *Desterro* escaneada para ilustrar Xela chegando em casa, após contravenção.
 Texto: Ferréz. Desenho: Demaio. 2012, livro não paginado.

A expressão de sofrimento no rosto e o corpo curvado que desenha a humilhação sentida pelo menino, na idade adulta, dão lugar a um corpo angustiado e questionador das próprias ações, do rumo que as coisas tinham tomado na vida envolta em crimes, da saudade que sente devido à separação dos dois filhos, a relação fluida com mulheres que passaram rapidamente por sua vida sem fazer muito sentido. Carece também de sentido a falta de atitude que teve, ao não ajudar um amigo que fora baleado na sua frente por Igordão, devido ao fato de seu amigo não atender às metas da boca de fumo de que cuidava.

Imagens de corpos baleados são tão comuns no livro quanto os fios de luz bagunçados que atravessam a favela passando por postes e pelas casas feito cama de gato. Em determinadas ruas, como a Oscar Freire, em São Paulo, os fios de luz passam por baixo das calçadas, no intuito de não poluir visualmente a rua de características nobres. Detalhes como esse compõem esteticamente os locais por onde passamos. Por essa e outras representações, a HQ mostra a precariedade urbana de uma comunidade periférica, a carência de mobiliário urbano, a violência em muitas dimensões, que envolvem corpos e

mentes (indissociáveis). Podemos dizer que a violência é a grande protagonista de *Desterro*.

Ferréz e Demaio revelam, entremeando a história, um conchavo entre instituições, por meio de uma “reunião anual de policiais e empresários” (FERRÉZ, 2012 – não paginado).



Figura 8. Recorte de página da HQ *Desterro* escaneada para ilustrar a “reunião anual de policiais e empresários”. Texto: Ferréz. Desenho: Demaio. 2012, livro não paginado.

A leitura um pouco mais aprofundada da ilustração, para além da descrição da imagem, gera uma narrativa social que extrapola a cena da HQ e mostra como práticas distintas se reforçam, se combinam e se confirmam mutuamente:

Trata-se de um conjunto de práticas e expectativas; o investimento de nossas energias, a nossa compreensão corriqueira da natureza do homem e do seu mundo. Falo de um conjunto de significados e valores que, do modo como são experimentados enquanto práticas, aparecem confirmando-se mutuamente (WILLIAMS, 2011a, p. 53).

A Figura 6 trata de questões de gênero, como a presença de apenas uma mulher sentada à mesa de reuniões entre vários policiais e empresários homens; nela também visualizamos questões de cor, pois trata-se de uma reunião de homens brancos. Também, questões ligadas a esferas sociais que se relacionam, pois, na mesa, estão representantes dos setores da segurança, economia, meios de comunicação (após o encontro entre policiais e empresários, um dos presentes na mesa de reuniões vai noticiar em um programa de tevê, de modo tendencioso, a morte do pai de Igordão, principal vilão da HQ); o modo de vestir dos presentes na cena denota uma postura de corpo determinada e seu *status* social: todos os presentes na reunião apresentam-se de camisa, terno e gravata. Outros detalhes podem ser observados nos desenhos, indicando textos e entrelinhas, como: taças para vinho, taças para água, copos para whisky e guardanapos de pano - essa mesa de reuniões não deve estar acontecendo em uma favela. Até porque, como contraste, uma outra mesa de reuniões é ilustrada por Ferréz e Demaio, com o pessoal do tráfico, na periferia, com quase

todos os homens presentes fumando, uns em pé amontoados, outros sentados, indicando não haver lugar para todos. Os homens são negros, os trajas despojados, e, à mesa, estão copos americanos, dinheiro, cerveja e amendoim.

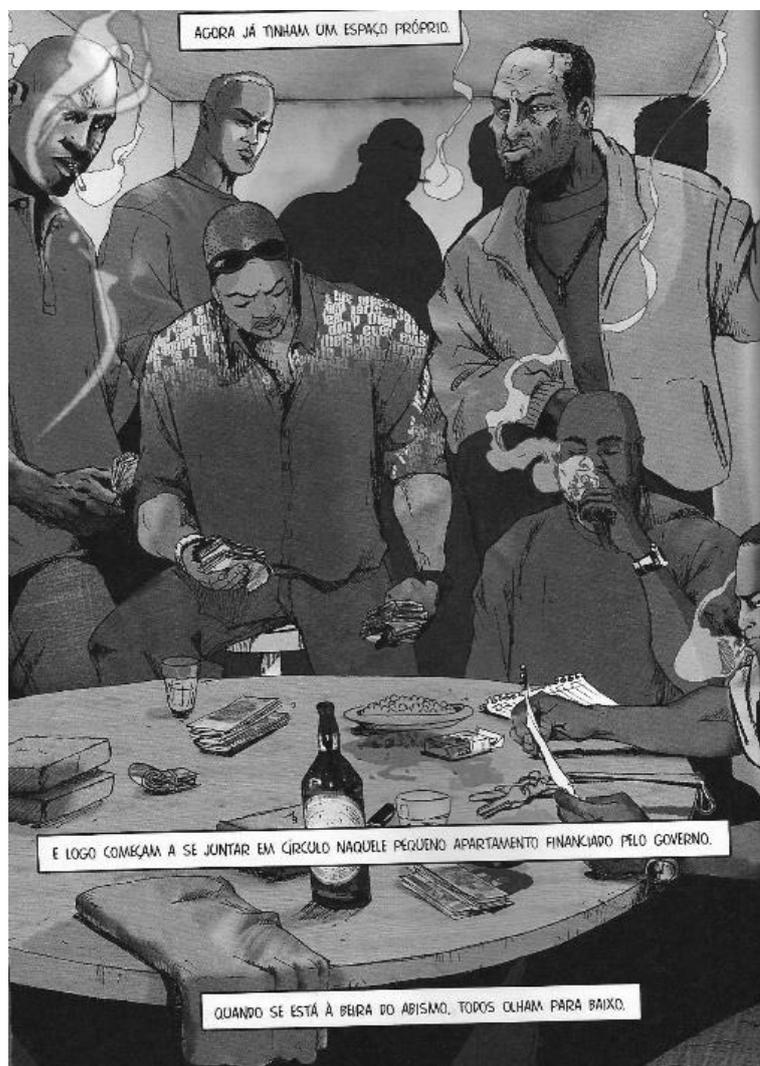


Figura 9. Página da HQ *Desterro* escaneada para ilustrar uma reunião do pessoal do tráfico, na periferia. Texto: Ferréz. Desenho: Demaio. 2012, livro não paginado.

Ao pensarmos, a partir do livro e da literatura marginal, acerca das circunstâncias em que o próprio viver na periferia se dá, podemos perceber o quanto realidades periféricas são ocultadas por processos hegemônicos que se fazem mais aparentes do que aqueles, e, apesar de estarem em movimento permanente, transformam sociedades, perpetuam relações hierárquicas e processos de geração de desigualdade social, historicamente. Por conseguinte, processos contraculturais, como a produção literária marginal, emergem como respiros sociais, indicando novos caminhos e possibilidades de abordagem de mundo.

A favela e a cultura da periferia surgem como um amontado de caos, que escondemos, material e subjetivamente, como se não fossem coproduzidos por nossos processos de vida, por processos hegemônicos e como se não coproduzissem processos sociais, tecnológicos e de subjetivação.

Considerações finais

No que se refere à produção da HQ *Desterro*, na explicitação de algumas partes do processo de produção material do livro, percebemos que projetos individuais relacionam-se

em modos coletivos e que entre o objeto HQ e as cidades, há coprodução social e tecnológica.

Para além dessas considerações, podemos refletir sobre a própria sociedade, compreender sua narrativa traçada e legitimada para fins de manutenção do poder e exclusão social. Em contraposição, o trabalho de Ferréz e Demaio faz pensar na produção de novos meios e modos de produzir, com novas abordagens socioculturais evocando a ideia de racionalização subversiva, proposta por Feenberg (2013), na qual a alteração da ordem estabelecida de práticas sociais e a modificação de códigos técnicos podem servir aos grupos socialmente excluídos.

A materialidade e a linguagem dos quadrinhos interpelam a pessoa leitora sobre as assimetrias nas relações de poder inscritas nos corpos, nos gestos, nas expressões faciais, nas falas, na dinâmica das cenas, no tamanho dos quadros e na sequência das imagens. Essas hierarquias de classe, raça e gênero são problematizadas, ao mesmo tempo em que apontam para as resistências cotidianas, para a potência criativa e de luta nas periferias urbanas.

Os autores, ao produzir os quadrinhos, mesclam dimensões pessoais e políticas, acabando por confirmar o que disse Williams (2015, p. 49): “cultura é a maneira pela qual se revela a classe”. Mostram os valores de sua comunidade e o fenômeno social da resistência, sugerem que as circunstâncias pesam, mas não são uma fatalidade que não se pode transformar. Trabalham num modo coletivo de práticas, produzem imaginários como estratégia política contestatória e extrapolam fronteiras de classe pela própria circulação do livro, que se dá de modo transversal, gerando outros tipos de trânsitos socioculturais, como a dos autores em feiras literárias pelo mundo, o que faz com que os espaços sociais e culturais se tornem híbridos.

Um híbrido entre práticas opositoras e práticas padrões, já que disposições gerais prefiguram e tipificam formações sociais - o que de modo algum é demérito para o escritor e para o quadrinista, apenas os colocam como sujeitos históricos no mundo. As inter-relações territoriais ocorrem concretamente e subjetivamente tornando os processos da vida complexos e não lineares. Compreendemos a hibridização cultural como um ganho em termos de comunicação, mas que não deixa de ser palco de luta, onde alteridade e reconhecimento são socialmente dramatizados.

Referências

- DEMAIO. **Entrevista sobre a HQ Desterro** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <sorayasugayama@yahoo.com.br> em 10 fev. 2016.
- FEENBERG, Andrew. Racionalização Subversiva: Tecnologia, Poder e Democracia. In: NEDER, Ricardo T. (org.). **A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia**. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS / UnB / Capes, 2013, pp. 68-95. Disponível em: <<https://www.sfu.ca/~andrewf/coletanea.pdf>>. Acesso em 20 de setembro de 2019.
- FERRÉZ. Entrevista/Ferréz. A quebrada sou eu. **Cândido**, Curitiba, n. 54, p. 4-9, 2016.
- _____; DEMAIO, Alexandre. **Desterro**. São Paulo: Anadarco, 2012.
- SUGAYAMA, Soraya. Entrevista/Ferréz. A quebrada sou eu. **Cândido**, Curitiba, n. 54, p. 4-9, 2016.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011a.
- _____. **Política do Modernismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011b.
- _____. **Recursos da Esperança**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.